

Tendências da força de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre: 1993-2013*

Raul Luís Assumpção Bastos **

Pesquisador em Economia da Fundação de
Economia e Estatística

Resumo

Este artigo tem por objetivo identificar e interpretar as principais tendências da força de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre no período 1993-2013, utilizando dados anuais da Pesquisa de Emprego e Desemprego. O comportamento da força de trabalho é analisado em nível agregado e por características sociodemográficas selecionadas — idade, sexo, cor, posição na família e escolaridade. As evidências proporcionadas pelo estudo revelam que a força de trabalho regional cresceu, em ritmo mais elevado, no período 1993-2003, iniciou um processo de desaceleração de seu crescimento no período 2003-08 e, desde 2009, manteve-se relativamente estável. Quanto às mudanças na composição da força de trabalho, destacaram-se os aumentos das parcelas relativas de adultos de 40 a 59 anos, idosos, mulheres, cônjuges e dos segmentos mais escolarizados.

Palavras-chave: tendências da força de trabalho; composição da força de trabalho; mercado de trabalho metropolitano.

Abstract

This article aims at identifying and interpreting the main trends of the labor force in the Metropolitan Area of Porto Alegre in the period between 1993 and 2013, by using annual data from the Employment and Unemployment Survey. The behavior of the labor force is analyzed both at the aggregate level and in terms of the selected socio-demographic characteristics — age, gender, color, position in the family and schooling. The evidence provided by the study reveals that the regional labor force grew at a faster pace in the period between 1993 and 2003, started to slow down between 2003 and 2008 and has remained relatively stable since 2009. As for the changes in the labor force composition, the increase in the relative shares of adults aged 40

* Artigo recebido em 15 set. 2014.
Revisora de Língua Portuguesa: Tatiana Zismann.

** O autor agradece as críticas e sugestões à versão preliminar do artigo de Ana Paula Queiroz Sperotto, André Luiz Leite Chaves, Bruna Kasprzak Borges, Dulce Helena Vergara, Jaqueline Cristiane dos Santos, Míriam De Toni, Patrícia Klasner Biasoli e Rafael Bassegio Caumo. Erros e omissões, por acaso remanescentes, são de inteira responsabilidade do autor.
E-mail: bastos@fee.tche.br

to 59, elderly people, women, spouses and those with a higher education level stood out.

Keywords: *labor force trends; labor force composition; metropolitan labor market.*

1 Introdução

Este artigo tem por objetivo identificar e interpretar as principais tendências da força de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) no período 1993-2013. Ele se vale de indicadores anuais da Pesquisa de Emprego e Desemprego na RMPA (PED-RMPA), com uma cobertura que compreende toda a sua série histórica. Assim, é possível ter uma visão razoavelmente ampla, em termos intertemporais, das principais tendências da força de trabalho regional. São apresentadas evidências gerais sobre o seu comportamento no período, bem como de suas mudanças de acordo com características sociodemográficas.

Neste estudo, assume-se a compreensão de que o comportamento da força de trabalho influencia o desempenho do mercado de trabalho. Assim, se o ritmo de crescimento da força de trabalho for elevado, irá requerer uma maior capacidade de geração de oportunidades ocupacionais na economia. Caso isso não venha a ocorrer, tal situação trará consigo um agravamento do desemprego. De maneira distinta, em um contexto onde a força de trabalho cresce pouco, haverá menor necessidade de geração de oportunidades ocupacionais, atenuando o risco de aumento do desemprego. Em outros termos, o desempenho do mercado de trabalho não é influenciado somente pelos fatores que incidem sobre a demanda de trabalho — sendo o nível de atividade econômica o mais relevante deles. Em realidade, ele é também condicionado pelo que ocorre com a força de trabalho enquanto expressão concreta da oferta de trabalho, sobre a qual incidem fatores demográficos e socioeconômicos.

É também de interesse conhecer a força de trabalho em dimensões que não ficam circunscritas à sua trajetória de crescimento em termos agregados. Nesse sentido, justifica-se a sua análise por características sociodemográficas, na medida em que ela permite apreender as mudanças que se estão processando na sua composição em diferentes recortes,

e quais implicações estas trazem consigo para o mercado de trabalho.

No que segue, este artigo está assim organizado: a seção 2 trata das tendências gerais da força de trabalho da RMPA no período 1993-2013; a seção 3 analisa por características sociodemográficas selecionadas: idade, sexo, cor, posição na família e escolaridade; e, por fim, na última seção são resumidas as principais conclusões deste trabalho.

2 Tendências gerais da força de trabalho da RMPA

Para se examinar o comportamento da força de trabalho da RMPA, no período 1993-2013, foram selecionados três indicadores: a **População em Idade Ativa (PIA)**, a **População Economicamente Ativa (PEA)** e a **taxa de participação**, cujas definições adotadas pela Pesquisa de Emprego e Desemprego encontram-se descritas no Quadro 1. A PIA é um indicador demográfico, cujo conhecimento mostra-se de interesse, pois o seu crescimento e composição condicionam a expansão e as características da força de trabalho. Se ela crescer de forma acelerada, irá contribuir para o aumento mais acentuado da força de trabalho; se nela aumentar o peso relativo dos grupos etários mais jovens, estar-se-á em um contexto geral de maior contingente de pessoas ingressando no mercado de trabalho. A PEA é uma medida do tamanho absoluto da força de trabalho, apreendendo a totalidade de pessoas que está inserida no mercado de trabalho. Já a taxa de participação expressa uma medida relativa da força de trabalho, uma vez que corresponde à proporção da PIA que está engajada no mercado de trabalho, seja na condição de ocupado ou na de desempregado.¹

¹ A respeito destes indicadores, ver Ramos (2012, cap. 2).

Quadro 1

Indicadores selecionados da Pesquisa de Emprego e Desemprego

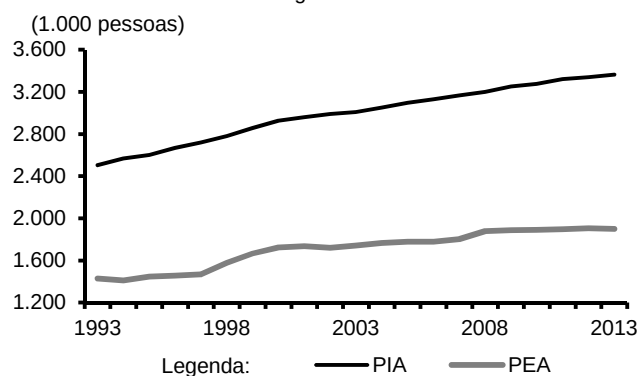
INDICADOR	DEFINIÇÃO
População em Idade Ativa (PIA)	População com 10 anos e mais.
População Economicamente Ativa (PEA)	População com 10 anos e mais que está ocupada ou desempregada.
Taxa de participação	Parcela relativa de pessoas de 10 anos e mais incorporada no mercado de trabalho como ocupada ou desempregada.

FONTE: Pesquisa de Emprego e Desemprego (2009).

De acordo com o que se pode observar no Gráfico 1, a PIA, na RMPA, cresceu ao longo de todo o período 1993-2013, tendo passado de cerca de 2,5 milhões de pessoas em 1993 para 3,3 milhões em 2013. Não obstante, o que talvez chame mais atenção é que o seu ritmo de expansão foi cadente no decorrer do período em análise (Gráfico 2).² Assim, constata-se que a taxa média anual de crescimento da PIA, de 2,1% no período 1993-98, havia diminuído para 1,0% no de 2008-13 (Gráfico 2). Em termos absolutos, enquanto no primeiro período houve um acréscimo de 276 mil pessoas na PIA total, no último, este foi de 164 mil pessoas.

Gráfico 1

População em Idade Ativa (PIA) e População Economicamente Ativa (PEA), na Região Metropolitana de Porto Alegre — 1993-2013



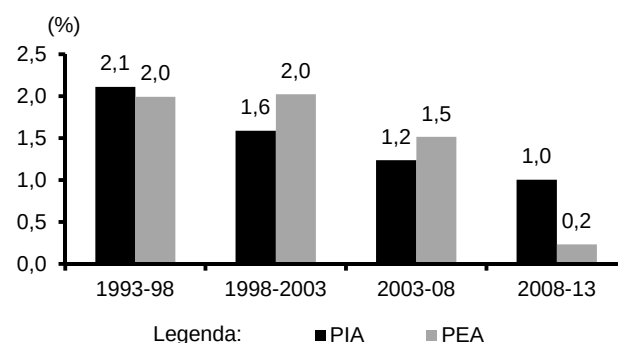
FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, PMPA, SEADE, DIEESE e apoio MTE/FAT.

No que diz respeito à PEA, percebe-se que a sua trajetória de crescimento na RMPA foi um tanto distinta em relação à PIA, no sentido de que houve elevação até 2008 e, posteriormente, relativa estabilidade, com acréscimos marginais (Gráfico 1). Em ou-

tros termos, a taxa média anual de crescimento da PEA passou de 2,0% no primeiro período para somente 0,2% no último (Gráfico 2). Chama atenção o fato de que a redução do crescimento da força de trabalho foi muito mais intensa do que a da PIA, o que indica que sobre aquela incidiram fatores que extrapolam a mudança demográfica e cujo conteúdo é socioeconômico.

Gráfico 2

Taxas médias anuais de crescimento da População em Idade Ativa (PIA) e da População Economicamente Ativa (PEA), na Região Metropolitana de Porto Alegre — 1993-2013

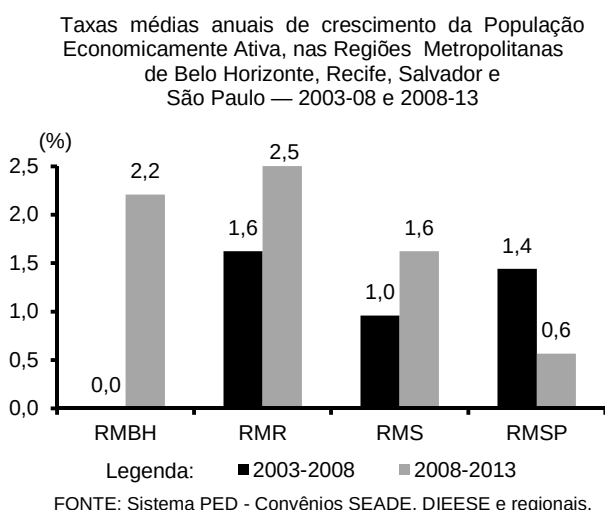


FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, PMPA, SEADE, DIEESE e apoio MTE/FAT.

Face ao forte descenso no ritmo de crescimento da força de trabalho da RMPA no período 2008-13, uma questão relevante que se coloca a respeito é a de se esse comportamento foi comum a outras regiões metropolitanas (RM) do País. Para respondê-la, no Gráfico 3, são apresentadas as taxas médias anuais de crescimento da PEA nas RM de Belo Horizonte (RMBH), Recife (RMR), Salvador (RMS) e São Paulo (RMSP), nos períodos 2003-08 e 2008-13. De acordo com o que se pode constatar, três RM evidenciam um padrão de comportamento da força de trabalho totalmente distinto ao da RMPA (RMBH, RMR e RMS), uma vez que o crescimento da PEA de cada uma das regiões metropolitanas acelerou-se no período 2008-13. O caso da RMBH é não somente dispar quanto singular, pois a sua força de trabalho encontrava-se, em 2008, em igual patamar ao de 2003. Quanto à RMSP, se, por um lado, o comportamento da sua PEA é semelhante ao da PEA da RMPA no período 2008-13, por outro, a redução do seu ritmo de crescimento não ocorreu com a mesma intensidade.

² Sobre o processo de redução do crescimento populacional no Rio Grande do Sul, ver o estudo de Jardim (2010).

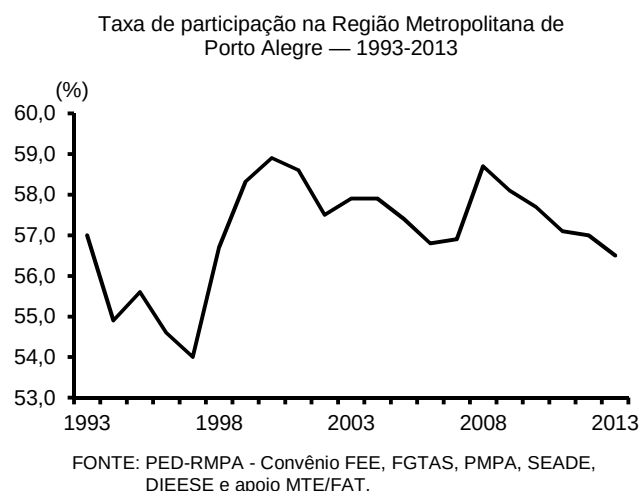
Gráfico 3



Esses movimentos da PIA e da PEA são expressos na taxa de participação, podendo-se destacar os seguintes aspectos sobre a sua trajetória na RMPA, no período 1993-2013 (Gráfico 4). Esse indicador atingiu o menor nível de todo o período em 1997, quando se situou em 54,0%. Logo após, evidenciou um processo de recuperação-ascensão até 2000, atingindo 58,9%, maior patamar da série da Pesquisa. Chama atenção que a taxa de participação tenha-se encaminhado para os seus maiores níveis em um contexto em que o desemprego atingia patamares extremamente elevados na região.³ Posteriormente, a taxa de participação passou por uma tendência de declínio, que se estendeu até 2007. O ano de 2008 foi singular, pois nele ocorreu uma abrupta elevação da taxa, de 56,9% no ano anterior para 58,7% — o que correspondeu a um acréscimo de 76 mil pessoas no estoque da força de trabalho regional. A partir de 2009, identifica-se, claramente, uma nova tendência de redução da taxa de participação, que se encontrava em 56,5% em 2013. O comportamento da força de trabalho, neste último período, foi, portanto, um fator relevante para a continuidade da redução do desemprego na RMPA, especialmente ao se considerar que,

em 2012 e 2013, ocorreram acréscimos marginais do nível ocupacional.

Gráfico 4



3 Mudanças sociodemográficas da força de trabalho

O objetivo desta seção é analisar a força de trabalho da RMPA no período 1993-2013, de acordo com características sociodemográficas selecionadas: idade, sexo, cor, posição na família e escolaridade. Tem-se a expectativa de que esta análise permita avançar no conhecimento sobre as principais mudanças que se verificaram no comportamento e na composição da força de trabalho da região, no período em foco, conforme os recortes adotados.

3.1 Idade

No que diz respeito ao recorte demográfico idade, o que mais chama atenção é a ausência de um padrão comum de crescimento da população para as diferentes faixas etárias (Tabela 1).⁴ Assim, enquanto o segmento de adultos de 40 a 59 anos e o de idosos, de 60 anos ou mais, cresceram, sistematicamente, acima do ritmo de expansão da PIA total, o de crianças e adolescentes de 10 a 15 anos evidenciou taxas de crescimento negativas em todo o período, o que

³ De acordo com o a compreensão proposta por Toossi (2011, p. 27), a taxa de participação é um indicador cujo comportamento é pró-cíclico. Assim, em fases de expansão econômica e de aumento da demanda de trabalho, esperar-se-ia uma elevação desse indicador, pois as pessoas sentir-se-iam mais estimuladas a participar do mercado de trabalho; já em períodos de contração econômica e da demanda de trabalho, o seu comportamento seria de redução. Todavia, a evolução da taxa de participação na RMPA, em 1998-99, não se ajusta a esta compreensão, uma vez que ela passou por um processo de intensa elevação em uma conjuntura econômica desfavorável, que provocou enorme aumento do desemprego.

⁴ Sobre o processo de mudança demográfica e o mercado de trabalho da RMPA, ver os estudos de Kreling (2007, 2011).

também foi constatado para o de jovens, de 16 a 24 anos, após 2003. A respeito dos jovens, assinala-se que eles haviam registrado crescimento muito superior ao da PIA total no período 1993-98, configurando o que ficou reconhecido pela literatura como uma descontinuidade demográfica, ou onda jovem, nas regiões metropolitanas do país nos anos 1990 (Bercovich; Madeira, 1990; Bercovich; Massé, 2004; Muniz, 2002).⁵ Como decorrência dos movimentos acima descritos, ampliaram-se as parcelas relativas de adultos de 40 a 59 anos e de idosos na PIA total, enquanto todos os outros segmentos viram as suas parcelas relativas se contraírem. Deve-se, ainda, destacar que os adultos de 40 a 59 anos passaram a deter, a partir 2003, a maior proporção da PIA total, superando o segmento de 25 a 39 anos, que alcançava essa posição anteriormente.

O comportamento da PEA da RMPA também revela disparidades entre as faixas etárias, com trajetórias de retração entre crianças e adolescentes, ao longo de todo o período, e entre os jovens, após 2003. Observa-se expansão sistematicamente superior à média da força de trabalho entre os adultos de 40 a 59 anos e os idosos (Tabela 1). Assim, enquanto os dois últimos segmentos ampliaram as suas parcelas relativas na força de trabalho total, os dois primeiros verificaram perdas. Em 2013, a proporção de adultos de 40 a 59 anos na força de trabalho da Região havia-se tornado praticamente idêntica à dos de 25 a 39 anos.

Um dos aspectos a destacar, ao longo de todo o período, diz respeito ao processo de retração de crianças e adolescentes na força de trabalho, e, a partir de 2003, de jovens, que se dá em ritmo superior ao identificado nos respectivos contingentes populacionais. No caso da faixa etária de 10 a 15 anos, é relevante ter presente que o ingresso legal no mercado de trabalho do País, desde 1998, pode-se dar somente a partir dos 16 anos. Assim, a incidência de uma norma institucional vinculada à orientação de erradicar o trabalho infantil é um dos elementos que contribuiu para essa contração mais acentuada da força de trabalho de crianças e adolescentes. Quanto aos jovens de 16 a 24 anos, a retração mais acelerada da sua força de trabalho deve ter sido influenciada, a partir de 2004, pelo melhor desempenho macroeconômico, que proporcionou condições mais favoráveis, no âmbito das famílias, à permanência dos jovens na escola e ao adiamento do ingresso no mercado de trabalho. Indo ao encontro do que está acima expos-

to, a proporção de crianças e adolescentes que apenas estudam elevou-se de 84,2% em 1993 para 97,0% em 2013, enquanto a de jovens, nessa condição, passou de 14,6% para 23,9%, respectivamente (Gráfico 5).

As taxas de participação confirmam níveis e padrões evolutivos distintos entre as faixas etárias no período em foco (Gráfico 6). Nesse sentido, os segmentos de adultos evidenciam taxas de participação muito superiores à média do mercado de trabalho, e cuja tendência foi de aumento até pelo menos 2008. Os jovens mostram taxas de participação superiores à média do mercado de trabalho, mas com uma trajetória que oscila e decresce ao final do período. Ao contrário, as crianças e os adolescentes apresentam o menor nível de engajamento no mercado de trabalho e também com uma forte tendência de declínio. Os idosos também exibem taxas de participação em baixos patamares, mas que se mantiveram relativamente estáveis ao longo da série. Como esse último segmento populacional registrou forte crescimento ao longo do período, a relativa estabilidade de sua taxa de participação significa que, também, a sua força de trabalho cresceu em ritmo semelhante, como visto há pouco.

⁵ A respeito deste tema, com foco na RMPA, ver Bastos (2006).

Tabela 1

Taxa média anual de crescimento e distribuição da População em Idade Ativa e da População Economicamente Ativa, total e por faixas etárias selecionadas, na Região Metropolitana de Porto Alegre — 1993-2013

a) População em Idade Ativa

(%)

IDADE (anos)	TAXA MÉDIA ANUAL DE CRESCIMENTO				DISTRIBUIÇÃO				
	1993-98	1998-2003	2003-08	2008-13	1993	1998	2003	2008	2013
Total	2,1	1,6	1,2	1,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
10 a 15	-0,4	-0,6	-0,7	-2,5	15,3	13,5	12,1	11,1	9,3
16 a 24	3,0	1,5	-1,1	-1,3	19,4	20,2	20,1	17,8	15,9
25 a 39	0,6	-0,3	1,1	0,5	31,5	29,2	26,5	26,3	25,6
40 a 59	3,7	3,8	2,2	1,2	24,1	26,0	29,0	30,3	30,6
60 ou mais	4,8	3,8	4,5	6,2	9,7	11,1	12,3	14,5	18,6

b) População Economicamente Ativa

(%)

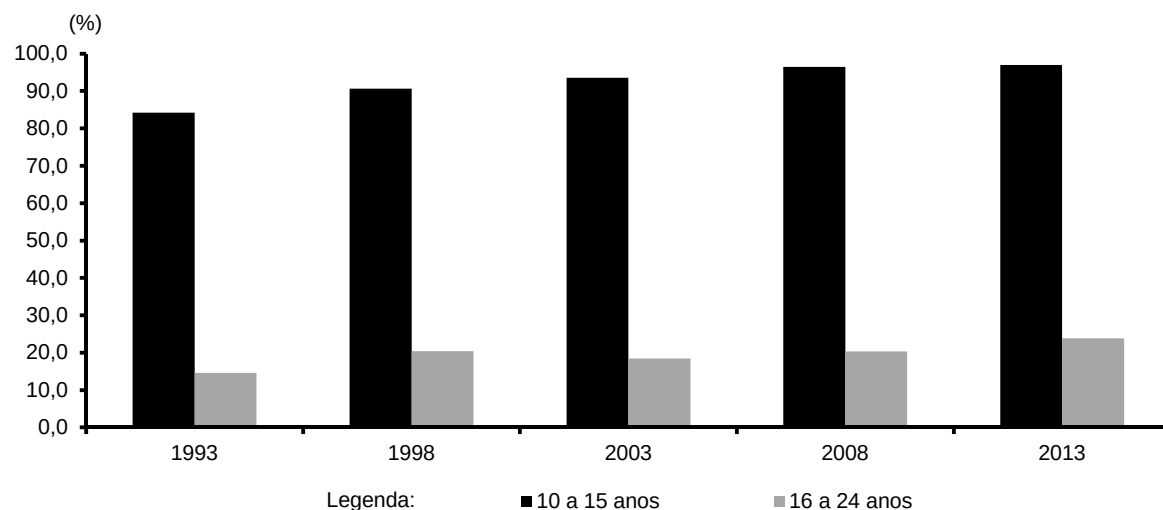
IDADE (anos)	TAXA MÉDIA ANUAL DE CRESCIMENTO				DISTRIBUIÇÃO				
	1993-98	1998-03	2003-08	2008-13	1993	1998	2003	2008	2013
Total	2,0	2,0	1,5	0,2	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
10 a 15	-8,9	-8,8	-14,0	(1)-	3,0	1,7	0,9	0,4	(1)-
16 a 24	1,8	2,5	-1,4	-2,5	23,9	23,7	24,3	21,0	18,2
25 a 39	1,1	0,0	1,9	0,3	43,0	41,2	37,3	38,1	38,2
40 a 59	4,3	4,2	2,8	1,1	27,5	30,7	34,2	36,4	38,1
60 ou mais	3,6	5,8	6,2	4,9	2,6	2,7	3,3	4,1	5,2

FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, PMPA, SEADE e DIEESE e apoio MTE/FAT.

(1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria.

Gráfico 5

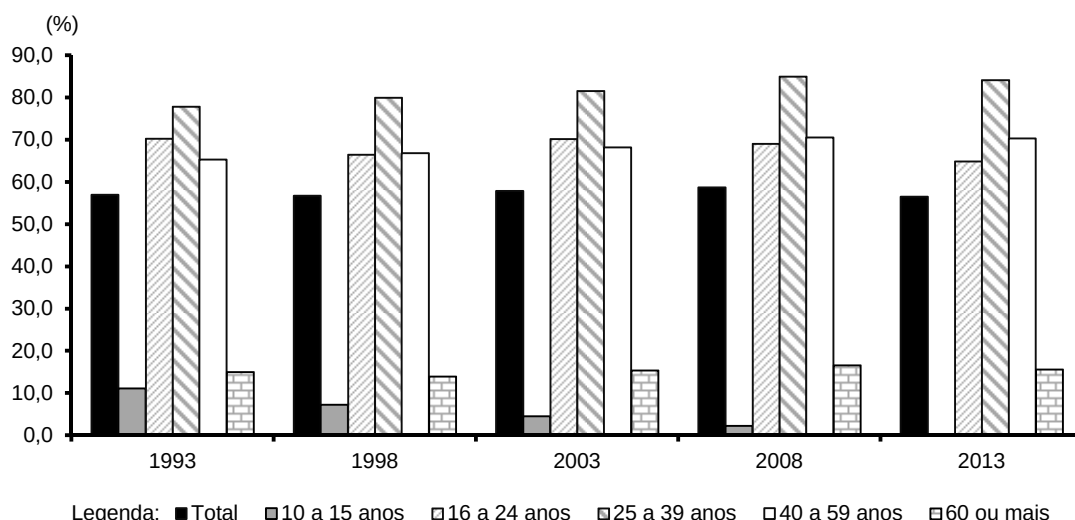
Parcela relativa de indivíduos de 10 a 15 anos e de 16 a 24 anos que somente estuda na Região Metropolitana de Porto Alegre — 1993, 1998, 2003, 2008 e 2013



FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, PMPA, SEADE e DIEESE e apoio MTE/FAT.

Gráfico 6

Taxas de participação, total e por faixas etárias selecionadas, na Região Metropolitana de Porto Alegre —1993, 1998, 2003, 2008 e 2013



Legenda: ■ Total ■ 10 a 15 anos ▨ 16 a 24 anos ▩ 25 a 39 anos □ 40 a 59 anos ▤ 60 ou mais

FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, PMPA, SEADE e DIEESE e apoio MTE/FAT.

3.2 Sexo

Segmentando-se a PIA por sexo, constata-se que a população feminina cresceu em ritmo levemente superior, em relação à masculina, ao longo de todo o período (Tabela 2). Isso fez com que ela tivesse uma pequena ampliação de sua parcela relativa na PIA total, de 52,3% em 1993 para 53,5% em 2013.

No que diz respeito à força de trabalho, percebe-se uma grande diferença, em termos de ritmo de crescimento, entre os dois segmentos, com o das mulheres superando muito o dos homens até 2008, para, posteriormente, apresentar um arrefecimento acentuado de sua expansão (Tabela 2). A esse respeito, deve-se ressaltar o crescimento excepcional da PEA feminina em 2008, com um acréscimo de 47 mil pessoas em seu contingente, contra 29 mil no masculino. Derivado desses movimentos, as mulheres viram a sua parcela relativa, na força de trabalho regional, avançar de 40,9% em 1993 para 46,5% em 2008, nível praticamente idêntico ao de 2013.

É clara a disparidade de comportamento das taxas de participação masculina e feminina, pelo menos até 2008 (Gráfico 7). Esse indicador, para os homens, evidencia uma trajetória de descenso ao longo do período, tendo passado de 70,7% em 1993 para 65,2% em 2013. A taxa das mulheres mostra uma tendência de elevação até 2008, quando atinge 51,4% para depois se retrain, chegando a 48,9% em

2013 — patamar próximo ao de 1999. Ao se cotejar o início e o final do período, no que se refere ao nível de engajamento no mercado de trabalho, constata-se que o hiato da taxa de participação masculina, em comparação à feminina, havia diminuído cerca de 10,0 pontos percentuais, o que configura uma considerável redução da desigualdade entre os sexos.

Tabela 2

Taxa média anual de crescimento e distribuição da População em Idade Ativa e da População Economicamente Ativa, total e por sexo, na Região Metropolitana de Porto Alegre — 1993-2013

a) População em Idade Ativa

(%)

SEXO	TAXA MÉDIA ANUAL DE CRESCIMENTO				DISTRIBUIÇÃO				
	1993-98	1998-2003	2003-08	2008-13	1993	1998	2003	2008	2013
Total	2,1	1,6	1,2	1,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Homens	2,0	1,4	1,2	0,9	47,7	47,4	47,0	46,9	46,5
Mulheres	2,2	1,8	1,3	1,1	52,3	52,6	53,0	53,1	53,5

b) População Economicamente Ativa

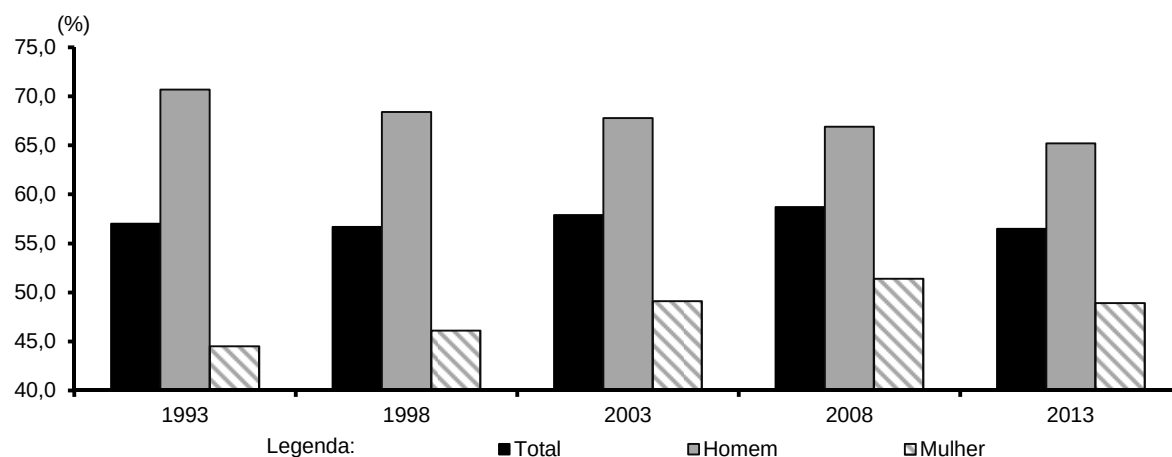
(%)

SEXO	TAXA MÉDIA ANUAL DE CRESCIMENTO				DISTRIBUIÇÃO				
	1993-98	1998-2003	2003-08	2008-13	1993	1998	2003	2008	2013
Total	2,0	2,0	1,5	0,2	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Homens	1,3	1,2	0,9	0,3	59,1	57,2	55,0	53,5	53,7
Mulheres	2,9	3,1	2,2	0,1	40,9	42,8	45,0	46,5	46,3

FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, PMPA, SEADE e DIEESE e apoio MTE/FAT.

Gráfico 7

Taxas de participação, total e por sexo, na Região Metropolitana de Porto Alegre — 1993, 1998, 2003, 2008 e 2013



FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, PMPA, SEADE e DIEESE e apoio MTE/FAT.

3.3 Cor

Quanto ao recorte demográfico cor, a PIA não negra mostra uma forte desaceleração em seu ritmo de crescimento até o período 2003-08, o que se modifica no de 2008-13, pois a sua expansão torna-se bem mais acentuada (Tabela 3). Já o segmento de negros evidencia um processo de crescimento que se foi acelerando até o período 2003-08, seguido de uma inflexão representada por um ritmo intenso de decréscimo. É de difícil interpretação a evolução da PIA negra nos dois últimos subperíodos, uma vez que

não é intuitiva aquela inflexão em seu ritmo de crescimento. Esse resultado, talvez, seja também uma expressão da complexidade da apreensão dessa característica demográfica pelas pesquisas domiciliares.⁶ Quando se coteja o início e o fim do período, as oscilações entre a PIA negra e a não negra, em termos de ritmo de expansão, compensaram-se, no sentido de que as parcelas relativas de ambas encontravam-se, em 2013, praticamente nos mesmos níveis de 1993.

⁶ De acordo com a metodologia da PED, a identificação da cor dos indivíduos é feita pelo pesquisador que realiza a entrevista no domicílio.

O comportamento da força de trabalho dos dois segmentos em foco revela diferenças próximas às identificadas para a PIA: entre os não negros houve um processo de redução no ritmo de crescimento até o período 2003-08, com uma leve recuperação no de 2008-13; entre os negros, o comportamento foi antagônico, sendo a inflexão negativa do período 2008-13 ainda mais intensa. Como desdobramento dessas trajetórias, a proporção de não negros na PEA total elevou-se levemente (1,1 ponto percentual) na comparação de 1993 com 2013.

As taxas de participação de não negros e negros revelam oscilações comuns ao longo do período, mas com intensidades distintas (Gráfico 8). Constatase que a taxa de participação dos não negros, em 2013, encontrava-se em nível muito próximo ao de 1993, enquanto a dos negros registrava uma redução de 2,4 pontos percentuais nessa base comparativa. Os não negros tinham, ao final do período, um nível de engajamento no mercado de trabalho um pouco superior ao dos negros, o que não ocorria no início.

Tabela 3

Taxa média anual de crescimento e distribuição da População em Idade Ativa e da População Economicamente Ativa, total e por cor, na Região Metropolitana de Porto Alegre — 1993-2013

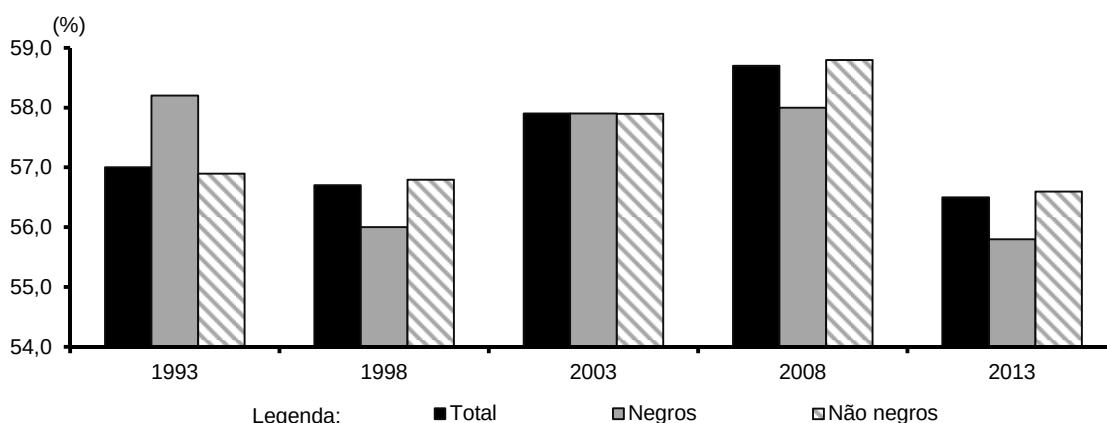
a) População em Idade Ativa (%)									
COR	TAXA MÉDIA ANUAL DE CRESCIMENTO				DISTRIBUIÇÃO				
	1993-98	1998-2003	2003-08	2008-13	1993	1998	2003	2008	2013
Total	2,1	1,6	1,2	1,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Negros	0,4	1,2	7,4	-3,8	12,9	11,9	11,7	15,7	12,3
Não negros	2,4	1,6	0,3	1,8	87,1	88,1	88,3	84,3	87,7

b) População Economicamente Ativa (%)									
COR	TAXA MÉDIA ANUAL DE CRESCIMENTO				DISTRIBUIÇÃO				
	1993-98	1998-2003	2003-08	2008-2013	1993	1998	2003	2008	2013
Total	2,0	2,0	1,5	0,2	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Negros	-0,3	1,9	7,5	-4,6	13,2	11,7	11,7	15,5	12,1
Não negros	2,3	2,0	0,6	1,0	86,8	88,3	88,3	84,5	87,9

FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, PMPA, SEADE e DIEESE e apoio MTE/FAT.
 NOTA: O segmento negros compreende pretos e pardos; e o não negros, brancos e amarelos.

Gráfico 8

Taxas de participação, total e por cor, na Região Metropolitana de Porto Alegre – 1993, 1998, 2003, 2008 e 2013



FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, PMPA, SEADE e DIEESE e apoio MTE/FAT.
 NOTA: Negros abrangem pretos e pardos; não negros, brancos e amarelos.

3.4 Posição na família

Analisando-se a PIA por posição na família, percebe-se que o segmento de chefes, embora tenha apresentado redução no seu ritmo de crescimento, quando se compara o início e o final do período, foi o único que se expandiu de forma mais acelerada do que a PIA total (Tabela 4). O segmento de cônjuges arrefeceu o seu processo de crescimento a partir de 1998-2003, estabilizando-se posteriormente. Quanto à categoria filhos, a respectiva PIA evidencia uma trajetória mais acentuada de redução do ritmo de crescimento, a ponto de tornar-se negativo no período 2008-13. No que diz respeito à distribuição da PIA total, ocorreu tendência de aumento da parcela relativa de chefes ao longo do período, e de retração na de cônjuges e de filhos — neste último segmento, de maior magnitude.

O crescimento da força de trabalho do segmento de cônjuges foi superior ao da PEA total, à exceção do período 2008-13, quando praticamente se estabiliza (Tabela 4). Assinala-se, como visto anteriormente, que um fenômeno semelhante ocorreu com a PEA feminina, o que se correlaciona com o fato de que as mulheres são majoritárias na posição de cônjuge.⁷ A

força de trabalho dos chefes teve oscilações em seu ritmo de crescimento em relação ao da PEA total. Já o segmento de filhos foi o que registrou a expansão mais acentuada da força de trabalho no período 1998-2003, para, posteriormente, passar por um processo de desaceleração no seu crescimento, que se tornou negativo no período 2008-13. Quanto à composição da força de trabalho total, a principal mudança ocorrida, na comparação do início com o fim do período, foi o aumento da parcela relativa de cônjuges — um fenômeno antagônico, portanto, ao identificado na PIA desta posição na família.

No que se refere às taxas de participação, as tendências que mais se destacaram, no período em análise, foram a de queda no engajamento dos chefes na força de trabalho e a de elevação na taxa de participação dos cônjuges — até 2008 — e dos filhos (Gráfico 9). O *gap* entre a taxa de participação dos chefes e a dos cônjuges, que era de 29,7 pontos percentuais em 1993, recuou para 9,0 pontos percentuais em 2013, ou seja, uma diferença inferior a um terço daquela do início do período, o que sugere uma mudança considerável no padrão de engajamento no mercado de trabalho no âmbito das famílias.

Tabela 4

Taxa média anual de crescimento e distribuição da População em Idade Ativa e da População Economicamente Ativa, total e por posição na família, na Região Metropolitana de Porto Alegre — 1993-2013

a) População em Idade Ativa

POSIÇÃO NA FAMÍLIA	TAXA MÉDIA ANUAL DE CRESCIMENTO				DISTRIBUIÇÃO				
	1993-98	1998-2003	2003-08	2008-13	1993	1998	2003	2008	2013
Total	2,1	1,6	1,2	1,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Chefe	2,7	2,2	2,4	2,2	36,1	37,1	38,2	40,3	42,8
Cônjuge	1,7	0,8	1,0	1,0	26,5	25,9	24,9	24,7	24,6
Filho	2,1	1,5	0,3	-0,5	30,7	30,6	30,4	29,0	26,9
Outro	0,9	2,1	-0,3	0,0	6,7	6,4	6,5	6,0	5,7

b) População Economicamente Ativa

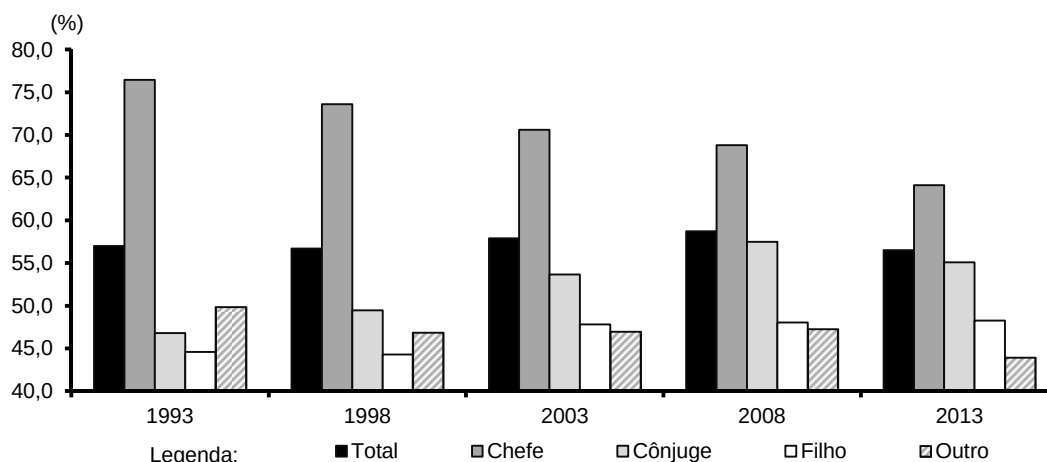
POSIÇÃO NA FAMÍLIA	TAXA MÉDIA ANUAL DE CRESCIMENTO				DISTRIBUIÇÃO				
	1993-98	1998-2003	2003-08	2008-13	1993	1998	2003	2008	2013
Total	2,0	2,0	1,5	0,2	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Chefe	1,9	1,3	1,9	0,8	48,4	48,2	46,5	47,3	48,6
Cônjuge	2,8	2,4	2,5	0,1	21,7	22,6	23,1	24,2	24,0
Filho	2,0	3,0	0,3	-0,4	24,0	23,9	25,1	23,7	22,9
Outro	-0,2	2,1	-0,2	-1,4	5,9	5,3	5,3	4,8	4,5

FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, PMPA, SEADE e DIEESE e apoio MTE/FAT.

⁷ As mulheres eram 96,9% na PEA dos cônjuges em 1993; 96,2% em 2003 e 92,4% em 2013.

Gráfico 9

Taxas de participação, total e por posição na família, na Região Metropolitana de Porto Alegre — 1993, 1998, 2003, 2008 e 2013



FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, PMPA, SEADE e DIEESE e apoio MTE/FAT.

3.5 Escolaridade

O recorte escolaridade apresenta discrepâncias muito grandes no processo de crescimento dos diferentes segmentos da PIA (Tabela 5). Nesse sentido, os segmentos com escolaridade média completa e superior completa registraram ritmos de expansão muito superiores ao da PIA total, enquanto os de analfabetos e com fundamental incompleto tiveram um processo de descenso acentuado. Isso fez com que ocorresse, ao se comparar 1993 com 2013, uma enorme mudança na composição da PIA regional: a faixa de escolaridade com médio completo ampliou a sua parcela relativa em 17,6 pontos percentuais, e a com superior completo em 6,2 pontos percentuais. De forma inversa, o segmento com escolaridade fundamental incompleta registrou uma perda de 22,1 pontos percentuais. Como implicação dessas mudanças, em 2013, a faixa de escolaridade com ensino médio completo passou a deter a maior parcela relativa da PIA regional, posição que era ocupada pela de ensino fundamental incompleto no início do período.

Dinâmica semelhante pode ser observada no comportamento da força de trabalho da RMPA, com os segmentos mais escolarizados apresentando um ritmo de crescimento muito superior ao da PEA total, e os menos escolarizados, um processo inequívoco de retração (Tabela 5). Em termos de composição da PEA regional, as mudanças foram ainda mais intensas: a parcela relativa da faixa de escolaridade com médio completo, na comparação de 1993 com 2013,

teve um incremento de 22,8 pontos percentuais, e a com superior completo, de 7,9 pontos percentuais. Em sentido antagônico, o segmento com fundamental incompleto teve uma retração de 27,5 pontos percentuais. Ao final do período em foco, cerca de 60,0% da força de trabalho regional tinha, pelo menos, escolaridade média completa, duplicando a sua proporção em relação a 1993.

Quanto às taxas de participação por faixas de escolaridade (Gráfico 10), apesar de alguns segmentos evidenciarem oscilações, de modo geral, as taxas de participação encontram-se, ao final do período, em patamares inferiores aos daqueles verificados em seu início. Constata-se, também, que o segmento de analfabetos e o com fundamental incompleto foram os que registraram as quedas mais acentuadas neste indicador, enquanto os mais escolarizados — com ênfase naquele com médio completo — tiveram as menores reduções. Ao se comparar os dois segmentos de maior peso relativo na força de trabalho, identifica-se que o *gap* entre a taxa de participação da faixa de escolaridade com fundamental incompleto em relação à com médio completo elevou-se de 26,0 pontos percentuais em 1993 para 39,5 pontos percentuais em 2013, ampliando muito a desigualdade entre eles no tocante ao engajamento no mercado de trabalho regional. Esse aumento do hiato entre os dois segmentos é uma indicação de que para as pessoas menos escolarizadas reduziu-se de forma muito mais intensa o estímulo à permanência no mercado de trabalho.

Tabela 5

Taxa média anual de crescimento e distribuição da População em Idade Ativa e da População Economicamente Ativa, total e por escolaridade, na Região Metropolitana de Porto Alegre — 1993-2013

a) População em Idade Ativa

(%)

ESCOLARIDADE	TAXA MÉDIA ANUAL DE CRESCIMENTO				DISTRIBUIÇÃO				
	1993-98	1998-2003	2003-08	2008-13	1993	1998	2003	2008	2013
Total	2,1	1,6	1,2	1,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Analfabetos	-5,0	-1,4	-3,5	-4,8	5,4	3,8	3,3	2,5	1,9
Fundamental incompleto ...	-0,1	-1,1	-2,0	-1,1	55,2	49,4	43,2	36,8	33,1
Fundamental completo (1)	4,7	1,8	0,7	0,8	17,8	20,1	20,3	19,8	19,5
Médio completo (2)	7,2	6,4	5,0	2,8	15,9	20,3	25,6	30,7	33,6
Superior completo	4,6	5,1	7,3	4,2	5,7	6,4	7,6	10,2	11,9

b) População Economicamente Ativa

(%)

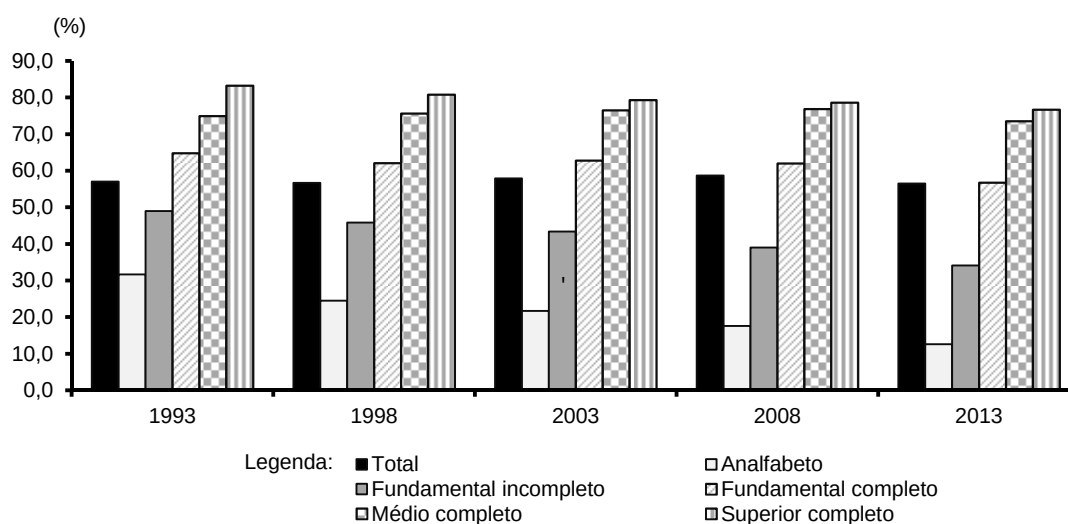
ESCOLARIDADE	TAXA MÉDIA ANUAL DE CRESCIMENTO				DISTRIBUIÇÃO				
	1993-98	1998-2003	2003-08	2008-13	1993	1998	2003	2008	2013
Total	2,0	2,0	1,5	0,2	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Analfabetos	-10,0	-3,3	-7,4	-11,8	3,1	1,7	1,3	0,8	0,5
Fundamental incompleto	-1,4	-2,2	-4,0	-3,8	47,5	40,0	32,5	24,5	20,0
Fundamental completo (1)	3,8	2,0	0,5	-1,0	20,2	22,0	22,0	20,9	19,6
Médio completo (2)	7,4	6,6	5,1	2,0	20,9	27,1	33,8	40,2	43,7
Superior completo	4,0	4,7	7,1	3,8	8,3	9,2	10,4	13,6	16,2

FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, PMPA, SEADE e DIEESE e apoio MTE/FAT.

(1) Inclui indivíduos com escolaridade média incompleta. (2) Inclui indivíduos com escolaridade superior incompleta.

Gráfico 10

Taxas de participação, total e por escolaridade, na Região Metropolitana de Porto Alegre — 1993, 1998, 2003, 2008 e 2013



FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, PMPA, SEADE e DIEESE e apoio MTE/FAT.

4 Considerações finais

De acordo com o que foi mostrado neste artigo, a força de trabalho da RMPA cresceu em ritmo mais elevado no período 1993-2003, iniciou um processo de desaceleração em seu crescimento no de 2003-08, o qual muito se acentuou no de 2008-13. Constatou-se que ela ficou relativamente estável a partir de 2009, pois, desde então, os seus acréscimos tornaram-se marginais. Tal comportamento, nesse último período, foi distinto ao das Regiões Metropolitanas de Belo Horizonte, Recife e Salvador, e se assemelhou ao da Região Metropolitana de São Paulo. Esse processo de redução do crescimento da força de trabalho, desde 2009, não foi resultado exclusivo da mudança demográfica, pois se revelou muito mais intenso do que o verificado com a PIA. Outro indicador utilizado neste estudo, para medir a evolução da força de trabalho na RMPA, a taxa de participação, evidenciou três fases de descenso (1994-97, 2001-07 e 2009-13), uma de aumento (1998-2000), afora um movimento localizado, de acentuada elevação em 2008.

O recorte da força de trabalho por características sociodemográficas permitiu conhecer as principais mudanças em sua composição, ao longo do período em análise, bem como aquelas que ocorreram nos padrões de engajamento dos diferentes segmentos no mercado de trabalho. Quanto à idade, os adultos de 40 a 59 anos e os idosos ampliaram as suas parcelas relativas na força de trabalho regional, em detrimento de todos os outros grupos etários. Se, por um lado, contribuiu a mudança demográfica, por outro, essa também apreendeu aspectos institucionais e socioeconômicos, pois aumentaram, ao longo do período, as proporções de crianças, adolescentes e jovens que somente estudam. No que diz respeito às taxas de participação, as tendências identificadas foram as de elevação para os adultos, relativa estabilidade para os idosos e redução para crianças, adolescentes e jovens.

A segmentação por sexo evidenciou que a força de trabalho feminina cresceu muito mais do que a masculina até o período 2003-08, para depois manter-se praticamente estável. Como decorrência, a parcela relativa de mulheres, na força de trabalho da RMPA, atingiu 46,5% em 2008, o maior tamanho de toda a série da Pesquisa. Houve, também, uma redução considerável no hiato entre a taxa de participação feminina e a masculina, de cerca de 10,0 pontos percentuais, na comparação de 1993 com 2013.

O processo de crescimento da força de trabalho por cor mostrou-se de difícil interpretação, pois ele oscilou muito para a população negra em diferentes momentos do período em análise. De qualquer forma, identificou-se um pequeno acréscimo na proporção de não negros na força de trabalho regional, na comparação de 1993 com 2013. A taxa de participação dos não negros também era mais elevada do que a dos negros em 2013, o que não ocorria no início do período.

Segundo o recorte posição na família, a força de trabalho dos cônjuges registrou um ritmo de crescimento sistematicamente superior à dos chefes até o período 2003-08, mas praticamente se estabilizou no de 2008-13, configurando um fenômeno análogo ao que ocorreu com as mulheres. Isso fez com que o segmento de cônjuges passasse a ter o segundo maior peso relativo na força de trabalho regional, superando o dos filhos. Foram antagônicas as trajetórias das taxas de participação de chefes e de cônjuges — a primeira, de descenso, e a última, de elevação até 2008. Assim, o *gap* entre ambas foi se estreitando, o que configurou um acentuado processo de queda da desigualdade ao longo do tempo nos níveis de engajamento desses dois grupos no mercado de trabalho.

Quanto à escolaridade, foi distinto o comportamento da força de trabalho entre os segmentos de baixa escolaridade em relação aos de alta escolaridade: os primeiros evidenciaram um ritmo acelerado de retração e os últimos, de expansão. Este processo causou uma mudança substancial na composição da PEA regional, na qual se ampliaram as parcelas relativas dos segmentos com escolaridade média e superior completa e se retraiu a do ensino fundamental incompleto. O trabalho também mostrou que as taxas de participação dos segmentos menos escolarizados reduziram-se de forma mais intensa na comparação do início com o final do período, ampliando a desigualdade em relação aos segmentos de maior nível de educação formal.

Enquanto objeto de investigação futura, uma questão que merece atenção diz respeito à relativa estabilidade da força de trabalho da RMPA após 2008. Ela significa uma mudança estrutural na sua trajetória de crescimento ou, alternativamente, trata-se de um comportamento transitório ou cíclico? A hipótese de uma mudança estrutural parece mais frágil, uma vez que a redução do ritmo de crescimento da força de trabalho desde 2009 foi muito mais intensa do que a da PIA. Assim, a outra hipótese, relacionada ao comportamento transitório da força de

trabalho, parece ser mais plausível. Ela estaria capturando, dentro de certos limites, a acomodação do mercado de trabalho ao enorme aumento da PEA em 2008, manifesta em seus acréscimos marginais desde 2011. Portanto, se a trajetória de relativa estabilidade da força de trabalho não configura um fenômeno de longa duração, ela deverá ser passível de reversão, mais cedo ou mais tarde, com impactos no desempenho do mercado de trabalho metropolitano no decorrer dos próximos anos.

Referências

BASTOS, R. Crescimento populacional, ocupação e desemprego dos jovens: a experiência recente da Região Metropolitana de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 301-315, 2006.

BERCOVICH, A.; MADEIRA, F. Descontinuidades demográficas no Brasil e no Estado de São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 7., 1990, Caxambu. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 1990. v. 2, p. 595-631.

BERCOVICH, A.; MASSÉ, G. Descontinuidades demográficas, ondas jovens e mercado de trabalho: uma comparação entre Brasil e Argentina. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO AMERICANA DE POPULAÇÃO, 1., 2004, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ALAP, 2004. p. 1-18.

JARDIM, M. Tendências demográficas e perspectivas futuras da população gaúcha. In: CONCEIÇÃO, O. et al. (Org.). **A evolução social**. Porto Alegre: FEE, 2010. (Três décadas de economia gaúcha).

KRELING, N. Trabalhadores mais maduros predominam na Região Metropolitana de Porto Alegre: formas de inserção na ocupação e desemprego. In: BASTOS, R. (Coord.). **Dimensões da precarização do mercado de trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre**. Porto Alegre: FEE, 2007.

KRELING, N. Envelhecimento do trabalhador impõe novos desafios às políticas públicas. In: DE TONI, M. (Coord.) **Políticas públicas do trabalho: uma discussão sobre sua efetividade e a necessidade de ações específicas a partir das características do mercado de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre**. Porto Alegre: FEE, 2011. p. 201-228. (Documentos FEE, n. 68).

MUNIZ, J. As descontinuidades demográficas exercem efeitos sobre o mercado de trabalho metropolitano dos jovens? **Revista Brasileira de Estudos de População**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 65-97, 2002.

PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO. **PED**: conceitos, metodologia e operacionalização. São Paulo: SEADE; DIEESE, 2009.

RAMOS, C. **Economia do trabalho: modelos teóricos e o debate no Brasil**. Curitiba: CRV, 2012.

TOOSSI, M. A behavioral model for projecting the labor force participation rate. **Monthly Labor Review**. Washington, v. 134, n. 5, p. 25-42, 2011. Disponível em: <www.bls.gov/opub/mlr/2011/05/art3full.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2014.